

ANEMIA INFECCIOSA EQUINA

RODRIGUES, Taliane R.

Discente do Curso de Medicina Veterinária da FAMED-Garça

AVANZA, Marcel F. B

ZAPPA, Vanessa

Docentes da Associação Cultural e Educacional da FAMED-Garça

RESUMO

A Anemia Infecciosa Equina (AIE) é causada por um retrovírus pertencente à família dos lentivírus, ela compromete irreversivelmente o desempenho dos eqüinos, afetando indiretamente a pecuária extensiva. É uma enfermidade infecto-contagiosa causada por um RNA vírus, caracterizada, principalmente, por períodos febris e anemias, que se manifestam de forma intermitente, sem tendência à cura. É encontrado em quase todos os países do mundo e sua freqüência tem aumentado a cada dia.

Palavras chave: eqüinos, anemia infecciosa, RNA.

Tema central: Medicina Veterinária

ABSTRACT

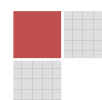
Equina the infectious anemia (EIA) is caused by retroviruses belonging to the family lentivírus, it undermines the performance of equine irreversibly, affecting indirectly extensive livestock farming. It is an infectious and contagious disease caused by an RNA virus, characterized, mainly for periods fever and anaemia, which occur on an intermittent, without tendency to cure. It is found in almost every country in the world and their frequency is increasing every day.

Keyword: horses, infectious anemia, ARN.

1. INTRODUÇÃO

A Anemia Infecciosa Equina (AIE) é causada por um retrovírus pertencente à família dos lentivírus, no qual infectam membros da família eqüídea.

O vírus da AIE, também conhecida como febre dos pântanos e AIDS eqüina é transmitido por meio de sangue de um animal infectado, através da picada de mutucas e das moscas do estábulo, podendo ocorrer também através do uso compartilhado de



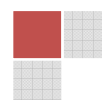
matérias contaminado como agulhas, instrumentos cirúrgicos, groza dentária, sondas esofágica, trocáter, aparadores de casco, arreios, esporas e outro fômites contaminados. É possível a transmissão através da placenta, colostro e do acasalamento (THOMASSIAN 2005).

Hoje AIE é um grande obstáculo para o desenvolvimento da equideocultura, por ser uma doença transmissível e incurável, acarretando prejuízos aos proprietários que necessitam do trabalho desses animais e aos criadores interessados na melhoria das raças, além de impedir o acesso ao mercado internacional. A legislação brasileira de saúde animal considera a AIE como notificação obrigatória, devendo o médico veterinário comunicar aos órgãos de defesa animal qualquer eqüino positivo para essa enfermidade. O animal infectado é o principal elemento na disseminação, e sua identificação no “teste de coggins” é o ponto de partida para qualquer ação preventiva. Os proprietários devem estar conscientes da importância da prevenção desta enfermidade, pois pode acarretar grandes perdas econômicas, além das perdas afetivas (ALMEIDA 2008).

2. CONTEÚDO

A Anemia Infeciosa Eqüina (AIE) ocorre na maioria dos países do mundo e em grandes regiões tende a formar distintos centros endêmicos. Na Europa, Canadá e Estados Unidos a doença é relativamente rara. Por outro lado, a proporção de animais infectados na América Central e do Sul é bastante alta. Em algumas regiões ou países o percentual de eqüídeos positivos para doença varia entre 30% e 40% (HAMMER, 1999).

No Brasil, o problema ainda continua atingindo proporções preocupantes no Pantanal do Mato Grosso e na Ilha de Marajó, devido, evidentemente, às características geoclimáticas dessas regiões (THOMASSIAN 2005).



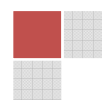
No Pantanal foram encontradas 21 espécies de tabanídeos eqüinos, sendo que as variações climáticas que influenciam as populações dos vetores influenciam também o surgimento de doenças nos animais (BARROS 2001).

O período entre a introdução do vírus no organismo e o aparecimento dos primeiros sintomas da doença pode variar de 6 a 70 dias, porém a média é de 15 a 20 dias (ALMEIDA 2008).

Há três formas da doença clínica: Aguda, subaguda e crônica ou inaparente. Forma Aguda é a mais difícil de diagnosticar os sinais clínicos inclui febre intermitente, depressão, hemorragias petequiais, fraqueza progressiva, perda de peso, anemia, edema nos membros, peito e abdome ventral ou morte súbita. Na forma subaguda os sinais clínicos incluem episódios recorrentes de febre, depressão, anemia, icterícia, linfadenopatia, hemorragia petequiais, edema e perda de peso. Ocasionalmente pode apresentar alterações neurológicas, que geralmente ocorrem nos primeiros meses após a infecção. Na forma crônica ou inaparente a maioria dos eqüídeos é portador da doença. Apresenta baixa concentração de vírus no sangue existe poucos sinais clínicos ou hematológicos, e os animais portadores apresentam febre periódica ou perda de peso. (OLGILVE 2000).

O diagnóstico da AIE é feito através do teste de Coggins ou Imunodifusão em Gel de Agar (IDGA), para a realização do exame são necessários 2,0 ml de soro de cada animal, refrigerado ou congelado, que deve ser colhido por médico veterinário e enviado ao laboratório, juntamente com a resenha atualizada dos animais, se caso positivo, o animal devera ser isolado e posteriormente sacrificado, a propriedade ficara interdita e todos os animais devem ser reexaminados pelo teste de sorológico. No caso do proprietário não permitir o sacrifício, a propriedade ficara interdita por tempo indeterminado e o responsável estará sujeito a ação referente aos infratores das normas e Defesa Sanitária Animal, estabelecido no código penal brasileiro (ALMEIDA 2008).

É importante ressaltar que cavalgadas e vaquejadas são exemplos deste eventos, considerados de alto risco para a disseminação da doença, caso ocorram sem critérios sanitários. O desconhecimento sobre a doença é grande e as ações educativo



sanitárias, como realização de palestra sobre o tema e distribuição de folders explicativos sobre a enfermidade e formas de evitar que ela atinja os rebanhos, devem ser intensificadas (ALMEIDA 2008).

Na prevenção é recomendado (e pode ser exigido) que se destruam de toda forma humanitária, os eqüinos infectados, porque mesmo os portadores clinicamente normais devem ser separados por, no mínimo, 200 jardas (uma jarda =91,44cm) de eqüinos sadios e deve ser praticado um rígido controle de insetos para impedir a transmissão da doença. Faz-se necessário atenção rigorosa ao controle de agulhas, seringas e instrumentos cirúrgicos contaminados (OLGILVE 2000).

3. CONCLUSÃO

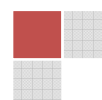
É muito importante a ação preventiva da anemia infecciosa eqüina, pois é uma doença transmissível e incurável que acarreta diversos prejuízos ao proprietário, além do sacrifício do animal e o embargo da propriedade.

4. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, V. M. A. Anemia Infecciosa Eqüina Sem prevenção, doença pode se alastrar. **Manga Larga Marchador**. Cleusa Canêdo. n.64. p.48-51. 2008.

BARROS, A T. M. Seasonality and relative abundance of Tabanidae (Díptera) capture don horses in the Pantanal, Brazil. **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**, Rio de Janeiro, v.96, n.7, p.917-923, 2001.

HAMMER, M. Controlling equine infectious anaemia. **Animal Research Development**, Tubingen, v.50, p.44-57, 1999.



OGILVIE, T. H. Anemia infecciosa Eqüina. **Medicina Interna de Grandes Animais**. Artmed. p.336-338. 2000.

THOMASSIAN, A. Enfermidades Infecciosas. **Enfermidades dos Cavalos**. Varela. 5ed. p. 471-472. 2005.

